

Interpretações em curto-circuito e camadas de significado modal na construção “quer ver”

Short-circuited interpretations and layers of modal meaning in the “quer ver” construction

Interpretaciones en cortocircuito y niveles de significado modal en la construcción ‘quer ver’

Marcos Luiz Wiedemer

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/Brasil

mlwiedemer@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-4978-7174>

Rebeca Emerich Alvarez

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/Brasil

rebecaealvarez@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo demonstrar a natureza convencionalizada da construção “quer ver” e descrever seu desenvolvimento semântico-pragmático a partir dos conceitos de Interpretação em Curto-Circuito e do Modelo em Camadas do Significado Modal, explicando como o valor epistêmico e evidencial da construção emerge de um atalho interpretativo entre as camadas semântica e pragmática. A metodologia adotada é qualitativa e descritivo-interpretativa, com dados extraídos da amostra Now do Corpus do Português, e a análise recai sobre a construção [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)}Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo] como predicador complexo. Os resultados indicam que “quer ver” evolui de usos composicionais associados à volição e à futuridade para usos não composicionais, de natureza epistêmica e evidencial. Nesses contextos, a epistemicidade decorre de curto-circuitos semânticos (camada 2) e a

evidencialidade de curto-circuitos pragmáticos (camada 3), confirmando o estágio avançado de construcionalização dessa construção no português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de Construções; Interpretação em Curto-Circuito; Modal.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the conventionalized nature of the construction “quer ver” and to describe its semantic-pragmatic development based on the concepts of Short-Circuit Interpretation and the Layered Model of Modal Meaning, explaining how the construction’s epistemic and evidential meanings emerge from an interpretive shortcut between the semantic and pragmatic layers. The methodology is qualitative and descriptive-interpretative, using data extracted from the Now sample of the Corpus do Português, and the analysis focuses on the construction [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(verb)}Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo] as a complex predicate. The results indicate that “quer ver” evolves from compositional uses associated with volition and futurity to non-compositional uses of an epistemic and evidential nature. In these contexts, epistemicity results from semantic short circuits (layer 2) and evidentiality from pragmatic short circuits (layer 3), confirming the advanced stage of construcionalization of this construction in Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Construction Grammar; Short-Circuited Interpretation; Modal.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo demostrar la naturaleza convencionalizada de la construcción “quer ver” y describir su desarrollo semántico-pragmático a partir de los conceptos de Interpretación en Cortocircuito y del Modelo en Estratos del Significado Modal, explicando cómo los valores epistémico y evidencial de la construcción emergen de un atajo interpretativo entre los estratos semántico y pragmático. La metodología es cualitativa y descriptivo-interpretativa, con datos extraídos de la muestra Now del Corpus del Portugués, y el análisis se centra en la construcción [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(verb)}Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo] como predicador complejo. Los resultados indican que “quer ver” evoluciona de usos composicionales asociados a la volición y a la futuridad hacia usos no composicionales, de naturaleza epistémica y evidencial. En estos contextos, la epistemicidad resulta de cortocircuitos semánticos (estrato 2) y la evidencialidad de cortocircuitos pragmáticos (estrato 3), lo que confirma el avanzado estadio de construcionalización de esta construcción en el portugués brasileño.

PALABRAS-CLAVE: Gramática de Construcciones; Interpretación en Cortocircuito; Modal.

1 Introdução

Nos últimos anos, os estudos desenvolvidos no âmbito da Gramática de Construções (CG) têm se mostrado particularmente produtivos para a descrição de fenômenos linguísticos em que a relação entre forma e significado não se explica apenas por regras sintáticas ou por propriedades lexicais isoladas. Nessa perspectiva, o conceito de “construção” adquire o status teórico de unidade básica do conhecimento linguístico, que representa um pareamento simbólico entre forma<->significado que se estabelece na comunidade linguística e é armazenado nas mentes dos falantes como uma estrutura holística (Goldberg, 2013, 2019). Como consequência, a linguagem é concebida como um sistema de construções interconectadas e armazenadas no *constructicon* (Goldberg, 1995, 2006), estruturando-se em redes taxonômicas.

Consequentemente, o modelo construcionista assume que os falantes e as comunidades organizam seu conhecimento gramatical com base nas entradas disponíveis, por meio de processos de identificação, abstração, generalização e categorização (cf. Höder, 2018), sem se restringirem por fronteiras linguísticas. Esses processos conduzem à formação de construções, que abarcam tanto similaridades quanto especificidades (cf. Wiedemer & Machado Vieira, 2018, Machado Vieira & Wiedemer, 2020) e coexistem no *constructicon*, conectadas por meio de links de herança (cf. Goldberg, 1995). A interação entre essas construções resulta em uma rede intrincada e interconectada que captura a complexidade do uso linguístico, isto é, a organização taxonômica das construções na linguagem (Diessel, 2023).

Ao integrar diferentes valores/atributos na representação da construção (Croft, 2001, 2007), esse modelo passa a incorporar, em uma única estrutura teórica, tanto construções lexicais quanto construções gramaticais, cuja caracterização pode ser descrita pelos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. Traugott & Trousdale, 2013). Além disso, o modelo de Gramática de Construções Diacrônica apresentada por esses autores busca oferecer uma explicação para a mudança linguística a partir dos processos de construcionalização e da mudança construcional. Dessa forma, os diferentes caminhos de gramaticalização, seja por redução, seja por expansão, são integrados em um único quadro explicativo, uma vez que o modelo parte do princípio de que “tudo é construção” (Goldberg, 1995).

Essa reorientação para o estudo da mudança linguística trouxe implicações importantes para a pesquisa linguística que agora precisa não apenas explicar os processos de mudança linguística, mas também dar conta

da formação da gramática (gramaticalização, nos moldes funcionalistas). Além disso, torna-se necessário esclarecer, em um modelo de representação maximalista, como distinguir construções que passam por gramaticalização e podem assumir, em dado momento da língua, valores ora mais próximos do domínio lexical, ora mais associados ao domínio gramatical. Em última instância, trata-se de responder qual é o status construcional de uma dada construção.

Diversas propostas têm sido apresentadas na literatura. Um exemplo é a explicação baseada na correlação entre os parâmetros do *cline* contextual de Diewald & Smirnova (2012), associados aos processos de mudança linguística. Essa abordagem, desenvolvida e aplicada em trabalhos como Teixeira (2015), Rosa (2019), Sambrana (2021) e Oliveira (2022), contribui para a compreensão da mudança linguística e da construcionalização em perspectiva diacrônica. Ademais, os parâmetros propostos por Diewald & Smirnova (2012) também têm sido utilizados para avaliar a gradiência contextual em análises sincrônicas, como demonstrado por Wiedemer & Costa (2021).

Outra proposta relevante para a discussão do status construcional pode ser encontrada no estudo de Cappelle e Depraetere (2016). Os autores apresentam um modelo teórico fundamentado na interface semântico-pragmática para a análise de construções modais, oferecendo uma explicação profícua para o processo de construcionalização de perífrases. Demonstram que o valor epistêmico e evidencial da construção analisada emerge de um *atalho interpretativo* entre as camadas semântica e pragmática. Para sustentar essa explicação, recorrem aos conceitos de “Interpretação em Curto-Circuito” (ICC) (*Short-Circuited Interpretation*) (Cappelle & Depraetere, 2016) e ao “Modelo em Camadas do Significado Modal” (CSM) (*Layered Model Meaning*) (Depraetere, 2014).

Neste artigo, aplicamos ambos os conceitos, tomando como foco de análise a construção [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)Predicador} de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo] e suas variantes, como *quer ver que* e *quer ver como* (Alvarez, 2023, Wiedemer; Machado Vieira, 2024), que no português brasileiro (PB), podem desempenhar valores de futuridade, epistêmico ou evidencial. Nosso objetivo é demonstrar a natureza convencionalizada dessa construção, descrever seu desenvolvimento semântico-pragmático no PB e operacionalizar as noções de ICC e CSM, que oferecem uma possibilidade de identificação do status construcional de uma construção.

Ao integrar esses referenciais à GC, buscamos oferecer uma explicação para o processo de construcionalização da perífrase em questão, ao

demonstrar que seus valores epistêmico e evidencial emergem de um *atalho interpretativo* estabelecido entre as camadas semântica e pragmática. Essa abordagem evidencia o funcionamento cognitivo-discursivo do “curto-circuito” interpretativo em construções modais do PB.

Para tal, retomamos os resultados da pesquisa desenvolvida por Alvarez (2023), que analisou a construção *quer ver* no PB e evidenciou valores de volição, futuridade, epistemicidade e evidencialidade. A partir de dados do Corpus do Português, *Amostra Now* (2012–2018), o estudo demonstrou que o verbo *querer* tende a operar como auxiliar de futuridade, enquanto o verbo *ver* passa, progressivamente, a assumir funções de processamento mental e análise inferencial, configurando-se como um marcador de atitude epistêmica. Dessa forma, a construção passa a integrar um *continuum* modal que articula intenção, previsão e julgamento, reforçando seu papel como expressão de evidencialidade no português contemporâneo.

Além disso, Alvarez (2023) mostra que a emergência de usos epistêmicos e evidenciais torna a construção [-composicional], uma vez que o significado resultante não pode ser integralmente previsto a partir das propriedades das unidades que a compõem. O verbo *ver* expande seu sentido prototípico de “percepção visual passiva” e passa a denotar também “percepção não visual”, de natureza mental, produzindo uma estrutura idiossincrática. Essa opacidade semântica é precisamente o tipo de fenômeno que, segundo a GC, exige que a construção seja armazenada no *constructicon* com função e significado próprios.

O artigo organiza-se da seguinte forma: na seção seguinte, apresentamos o referencial teórico que sustenta a análise, com destaque para os conceitos de ICC (Cappelle & Depraetere, 2016) e CSM (Depraetere, 2014). Em seguida, discutimos os procedimentos metodológicos adotados para a identificação e a descrição das ocorrências da construção no corpus. A terceira seção é dedicada à análise e à interpretação dos dados, com ênfase nos aspectos semântico-pragmáticos da construção. Por fim, a última seção apresenta as considerações finais, seguidas das referências.

2 Interpretações em curto-circuito e as camadas modais

Cappelle e Depraetere (2016) examinam como a interpretação dos verbos modais em inglês, como *can* e *could*, é influenciada por estruturas linguísticas específicas, propondo uma integração entre a GC e um modelo de significado modal em três camadas (semântica independente de contexto,

semântica dependente de contexto e pragmática) de Depraetere (2014). A partir do estudo de exemplos humorísticos extraídos da série de televisão *The Simpsons*, em que o humor é gerado quando um personagem ignora intencionalmente ou não a interpretação convencional (em curto-circuito) de uma construção modal. Os autores argumentam que, embora verbos modais como *can* e *could* possuam um significado geral (relacionado à 'possibilidade'), os usuários da língua não precisam necessariamente usar esse significado geral como ponto de partida para um cálculo complexo para chegar à interpretação final, que eles denominam "interpretações em curto-circuito" (*short-circuited interpretations*), em que:

No nível semântico dependente de contexto, *may* pode potencialmente expressar possibilidade epistêmica, possibilidade de situação geral, permissão e permissibilidade situacional. O preenchimento contextual do molde pode ser capturado em termos de saturação (Carston, 2009) com valoração lexicalmente regulada (Depraetere 2014). A adição de informação contextual "satura" o valor modal semanticamente subdeterminado porque ela é necessária para determinar a proposição que é efetivamente comunicada, e é lexicalmente regulada no sentido de que o número de valores que podem potencialmente ser atribuídos ao espaço vazio é limitado pelo modal. Por fim, um nível pragmático opcional pode e deve ser distinguido, uma vez que ainda há outras distinções de significado contextuais (Cappelle; Depraetere, 2016, p. 5)¹.

Em resumo, o ponto de vista defendido é que existem construções modais específicas que já vêm "pré-instaladas" com uma interpretação convencionalmente estabilizada. Tais construções, compostas pelo verbo modal aliado a um material lexical fixo ou recorrente, ativam leituras que não exigem do falante um cálculo composicional extenso para determinar o valor modal pretendido. Em vez disso, funcionam como "atalhos interpretativos": o contexto preenche e regula o significado modal de forma altamente

¹ Cf. original "The context-independent meaning of *may*, for instance, is possibility. At the context-dependent semantic layer, *may* can potentially express epistemic possibility, general situation possibility, permission and situation permissibility. The contextual filling in of the template can be captured in terms of saturation (Carston 2009) with lexically regulated valuation (Depraetere 2014). The addition of contextual information 'saturates' the semantically underdetermined modal meaning value because it is needed to determine the proposition that is actually communicated and it is lexically regulated in the sense that the number of values that can potentially be assigned to the empty slot is constrained by the modal. Third, an optional pragmatic layer can and should be distinguished, since there are still further contextual meaning distinctions".

previsível, de modo que o usuário da língua acessa diretamente a leitura epistêmica, evidencial, de permissão ou de possibilidade situacional. Nesse sentido, o pareamento forma-função apresenta um grau de fixidez suficiente para ser armazenado como unidade construcional no repertório linguístico dos falantes, o que confirma o caráter construcional dessas interpretações em curto-circuito. Esse entendimento dos autores reconhece o papel do uso (frequência) na fixação de um determinado padrão (cf. Goldberg, 2006).

Em Hilpert (2014), conforme indicado por Cappelle & Depraete, (2016), para verificar o *status* construcional, são utilizados critérios como: (i) a expressão se desvia de padrões canônicos; (ii) veicula um significado não composicional (idiomático); (iii) apresenta restrições de uso idiossincráticas (impossibilidades de posicionamento; e (iv) exhibe preferências colocacionais. Entretanto, Cappelle & Depraetere (2016) acrescentam uma distinção fundamental entre significado semântico (explícito) e significado pragmático (implícado), apoiando-se no modelo de significado modal em três camadas proposto por Depraetere (2014). Essa distinção permite observar que determinadas interpretações, sobretudo as epistêmicas e evidenciais, não derivam exclusivamente de propriedades lexicais, mas emergem de um preenchimento contextual sistemático, conforme sintetizado no quadro 1.

Quadro 1. Modelo de significado modal em três camadas

1ª Camada: Semântica Independente de Contexto	Núcleo modal abstrato (e.g., possibilidade, necessidade); significado subdeterminado, não dependente de contexto.
2ª Camada: Semântica Dependente de Contexto	Distinções taxonômicas específicas (capacidade, oportunidade, permissão, possibilidade geral, permissibilidade situacional). Essa camada decorre da <i>saturação contextual</i> , que preenche o valor modal subdeterminado com informação contextual, mas ainda parte do conteúdo proposicional. Trata-se de conteúdo com valor de verdade (<i>explicitura</i>).
3ª Camada: Significado Pragmático (adicional)	Inclui distinções adicionais, como fortalecimento pragmático, efeitos inferenciais e leituras ilocucionárias. Abrange significado implícado que não afeta as condições de verdade (<i>implicitura</i>).

Fonte: Adaptado de Cappelle & Depraete (2016) e Depraete (2014).

Capelle e Depraetere (2016) defendem que a distinção entre a segunda camada (semântica dependente de contexto) e a terceira camada (pragmática) é fundamental, uma vez que os verbos modais são polissêmicos, por exemplo, *can* de habilidade é distinto de *can* de permissão, e tal distinção deve ser preservada mesmo em uma descrição construcionista. Os autores ilustram esse ponto com a situação em que um juiz de paz profere “pode beijar a noiva”. Nesse caso, não se trata de um ato permissivo comum, aplicável em qualquer contexto, e seria até estranho que o noivo respondesse um sonoro “não” ou recusasse o gesto, dado que “beijar a noiva” constitui parte ritualizada do ato matrimonial. Trata-se, portanto, de uma interpretação fortemente guiada pelo contexto, uma particularidade pragmática que ancora o modal a um ritual linguístico específico.

A viabilidade da proposta de Cappelle & Depraetere (2016) é testada por meio de piadas linguísticas, nas quais se observa que: (i) *o mecanismo de humor* depende do fato de um personagem; no caso, Homer Simpson ignorar intencionalmente (ou sem perceber) os aspectos convencionais da interpretação de uma construção modal; e (ii) *a prova de acessibilidade* reside no fato de que o humor só funciona porque, embora a interpretação convencionalizada seja a mais saliente, o núcleo semântico e as leituras alternativas não convencionalizadas permanecem cognitivamente acessíveis ao espectador. Caso essas alternativas não estivessem disponíveis, a piada não seria compreendida. Com base nesses elementos, os autores concluem que o curto-circuito pode ocorrer em dois níveis da interpretação, conforme apresentado no quadro 2, a seguir.

Quadro 2. Tipos de curto-circuito e camadas de interpretação modal

Nível	Camada	Natureza do significado	Características
Semântico	2ª Camada (Semântica Dependente de Contexto)	Explicatura (Conteúdo com valor de verdade)	Ocorre quando a construção seleciona rapidamente um valor semântico específico (e.g., “permissão”, “capacidade”). Não é cancelável sem alterar a proposição; pode apenas ser substituído por outro valor modal.

Pragmático	3ª Camada (Pragmática Opcional)	Implicatura Conversacional	Ocorre quando uma inferência cancelável (como fortalecimento pragmático ou leitura ilocucionária específica) está convencionalmente associada à construção. É cancelável sem produzir contradição semântica.
------------	---------------------------------------	-------------------------------	---

Fonte: Cappelle & Depraete (2016) e Depraete (2014) (grifos nossos).

O conjunto de argumentos apresentados por Cappelle & Depraete (2016) evidencia que a interpretação modal resulta da interação entre diferentes camadas de significado, cuja ativação depende simultaneamente da estrutura lexical da construção e das condições pragmáticas de uso. O reconhecimento de que certas interpretações são convencionalizadas (cf. quadro 01), e, portanto, acessadas de modo imediato pelos falantes, permite compreender como construções modais podem estabilizar valores epistêmicos, evidenciais ou permissivos sem recorrer a cálculos inferenciais complexos. Ao mesmo tempo, a distinção entre explicatura e implicatura (cf. quadro 02) mostra que os efeitos pragmáticos associados a essas construções permanecem sempre disponíveis para cancelamento ou reinterpretação, o que confirma a natureza dinâmica e multifacetada do pareamento forma–função. Assim, o modelo em três camadas, fornece um instrumental analítico robusto para identificar o status construcional de padrões modais recorrentes e para compreender como esses padrões se convencionalizam e se reorganizam no repertório linguístico dos falantes.

3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, fundamentada nos pressupostos da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006, Croft, 2001, 2007, Diessel, 2023). Essa perspectiva possibilita observar o fenômeno linguístico como uma unidade simbólica emergente do uso e da frequência, cujos aspectos formais e funcionais se estabilizam progressivamente na rede construcional do PB.

Conforme já adiantamos, retomamos os resultados da pesquisa desenvolvida por Alvarez (2023), que analisou a construção *quer ver* no PB e

evidenciou valores de volição, futuridade, epistemicidade e evidencialidade. O corpus utilizado no estudo foi constituído a partir de ocorrências extraídas do *Corpus do Português – NOW (News on the Web)* - <https://www.corpusdoportugues.org/> -, abrangendo o período de 2012 a 2018. A seleção incluiu todas as instâncias da construção [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}]Predicador complexo]. Os exemplos são provenientes de diferentes gêneros textuais, como notícias, blogs, fóruns e comentários digitais, a fim de garantir representatividade da construção.

A análise das ocorrências foi conduzida em três etapas complementares. Na primeira, realizou-se a identificação da construção e de suas variações, tomando como critério a coocorrência dos verbos *querer* e *ver* com função de predicador complexo. Em seguida, procedeu-se à classificação modal das ocorrências com base no CSM de Depraetere (2014), distinguindo-se a camada semântica independente de contexto, a camada semântica dependente de contexto e a camada pragmática. Por fim, a interpretação das construções foi examinada à luz do modelo de ICC proposto por Cappelle e Depraetere (2016), observando-se em que medida o sentido da construção é ativado diretamente pela forma ou depende de inferências pragmáticas adicionais.

Esses procedimentos possibilitaram descrever o processo pelo qual a construção *quer ver* se desloca de usos composicionais, tradicionalmente associados à volição e à futuridade, para usos não composicionais, de natureza epistêmica e evidencial. A recorrência desses padrões sugere um processo de construcionalização, no qual o pareamento *querer + ver* adquire valor modal convencionalizado e passa a operar como um atalho interpretativo entre as camadas semântica e pragmática, refletindo a emergência e a fixação de novos sentidos no PB contemporâneo.

4 Nossos resultados e nossa análise, *quer ver*?

Os conceitos de CSM e ICC mostram-se particularmente produtivos para a análise da construção [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}]Predicador complexo], enquanto predicador complexo, pode ser acessado de modo direto no seu valor evidencial, sem depender de inferências pragmáticas elaboradas. Em vez de resultar de um cálculo contextual complexo, o significado emerge de uma associação convencionalizada entre o padrão formal e a leitura inferencial esperada, o que indica um estágio avançado de fixação construcional. Essa dinâmica reforça a hipótese de que

os micropassos de mudança linguística observados configuram casos de neoanálise (Traugott & Trousdale, 2013).

Além disso, a distinção entre as três camadas de significado modal proposta no CSM (cf. quadro 01) permite identificar e classificar as funções que emergem da construção *quer ver*. Essa perspectiva deixa claro que o sentido construcional não se reduz à soma das propriedades lexicais de *querer* e *ver*, mas resulta da interação entre diferentes níveis de codificação modal, que vão do núcleo semântico abstrato a inferências pragmáticas sistematicamente estabilizadas no uso.

4.1 *Volição e Futuridade (Curto-Circuito Semântico - 2ª Camada)*

Segundo Costa, Souza e Machado Vieira, (2020), “a volição pare 18346 ce estar relacionada à ideia de um fim projetado para o futuro” (p. 33). No caso do verbo “querer”, a classificação volitiva é bastante transparente: expressa um desejo orientado para um estado de coisas ainda não realizado, cuja efetivação depende de condições futuras. Desse modo, a volição configura-se como uma categoria irrealis, uma vez que se refere a eventos não atuais ou não factuais. Oliveira (2016, p. 80), traz o seguinte excerto sobre irrealis vs. volição:

a atitude pragmática de irrealis define a noção de modalidade e distribui-se em dois traços definidores: o de futuridade e o de incerteza epistêmica (com o entrecruzamento do julgamento deôntico). Esses dois traços interpretam o discurso em termos de projeção futura, o qual assinala um grau de incerteza em relação aos objetivos comunicativos do usuário da língua durante a interação (Oliveira, 2016, p. 80).

Aqui é importante retomar Givón (1984) que estabelece uma relação direta entre tempo e modalidade ao distinguir as categorias realis e irrealis. Para o autor, o passado e o presente integram o domínio do *realis*, uma vez que dizem respeito a eventos factuais, cuja estabilidade cognitiva decorre de sua ancoragem na experiência. Já o futuro pertence ao domínio do *irrealis*, associado a situações não realizadas, cuja ocorrência permanece hipotética. Essa correspondência entre futuridade e irrealis fundamenta-se em princípios cognitivos: eventos passados ou presentes podem ser recuperados pela memória, enquanto eventos futuros carregam inevitavelmente um grau de incerteza, exigindo projeção, inferência e avaliação modal.

Contudo, de acordo com Costa, Souza e Machado Vieira (2020, p. 36), o verbo “querer”, quando associado a um verbo no infinitivo, pode assumir papel de auxiliar de futuridade projetando um evento ainda não realizado. Nesses contextos, a volição original do verbo é atenuada ou neutralizada, e o predador complexo passa a funcionar como um marcador de previsão ou de encaminhamento de um estado de coisas futuro. Sobre isso, os autores indicam que:

[...] nosso entendimento é o de que essa construção atualiza, com o verbo *querer*, diferentes potencialidades que, em alguma medida, tendem a reter algum grau dos valores de volição e de futuridade. Entre essas possibilidades, está a que se vê configurada, em certos constructos, com verbo auxiliar. Tal verbo exerce valores gramaticais típicos de um auxiliar de futuro: ligando-se mais estreitamente a um verbo na forma de infinitivo, servindo mais para perspectivar temporalmente o estado de coisas que esse verbo representa do que para acentuar intencionalidade/volição (Costa; Souza; Machado Vieira, 2020, p. 36).

Outro autor que discute essa temática é Marcelino (2015), ao argumentar que o verbo *querer* pode assumir função de auxiliar de futuro quando ocorre com verbos não sensoriais. Nessa perspectiva, *querer* projeta temporalmente a ação denotada pelo verbo no infinitivo, instaurando uma leitura prospectiva. De modo convergente, Carvalho (2010) defende que *querer* expressa um valor prospectivo-futurístico quando combinado a verbos no infinitivo, reforçando a interpretação de que o verbo pode funcionar como um auxiliar de futuridade no PB.

Assim, torna-se evidente que o verbo "querer", quando combinado a verbos no infinitivo não sensoriais (ver exemplo 01), pode assumir valores típicos de um auxiliar de futuro, projetando temporalmente o estado de coisas referido. No entanto, quando associado ao verbo “ver” de “percepção visual passiva”, pode assumir valores de volição (01), quanto de futuridade (02). Dessa modo, nos casos que *querer* atua como auxiliar de futuro, como nos exemplos (01) e (02), a interpretação selecionada é a de futuridade/volição.

- (01) “Nosso grupo ainda **quer entender** como era o Recife anos atrás e em que realmente ele vem crescendo”.

Fonte:

<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/03/14/corais-nil-anos-sao-descobertos-em-sp-ao-lado-de-ilha-habitada-por-ates.ghtml> Acesso em: 08/08/2023

- (02) “**Quero ver** sua foto apagando a 1ª velinha, e talvez a mais marcante para *he vê no futuro!*”.

Fonte:

<http://www.atribunamt.com.br/2014/06/homenagem-especial-a-um-no-principe/> Acesso em: 24/07/2023

Em (01), o sujeito animado simples associa-se à perífrase *quer entender*, precedida pelo advérbio *ainda*, cuja função é indicar ao interlocutor o caráter inacabado da ação e a persistência da vontade expressa pelo verbo volitivo *querer*. Nesse contexto, *querer* manifesta seu valor prototípico de volição, enquanto também projeta a ação para um momento ulterior, o que se torna evidente pelo vínculo com o infinitivo *entender*. Trata-se, portanto, de um uso em que *querer* funciona como auxiliar de futuridade, uma vez que ancora a interpretação em um tempo posterior ao momento da enunciação, ainda incerto, mas desejado. Além disso, a forma progressiva *vem crescendo* situa a segunda parte do enunciado em um presente contínuo, ao passo que *quer entender* expressa uma projeção futura ancorada em características passadas, compondo um quadro temporal complexo que articula passado, presente e futuro.

Em (02), o sujeito simples animado associa-se ao verbo *querer*, conjugado na primeira pessoa do singular, seguido do infinitivo impessoal *ver*. Nesse caso, *querer* novamente expressa volição e atua como um auxiliar de futuridade, ao projetar a ação de “ver” para um momento futuro. O verbo *ver*, por sua vez, mantém seu sentido prototípico de percepção visual, referindo-se ao desejo de observar a fotografia. A microconstrução [Verbo *querer* (auxiliar) + Verbo *ver* (principal)] instancia, aqui, um construto composicional, pois cada verbo contribui com seus valores semântico-pragmáticos mais básicos: *querer* expressa volição e projeção futura; *ver* denota percepção visual. Dessa forma, o exemplo não configura ainda um caso de especialização modal ou opacidade semântica, mas representa um estágio composicional em que a perífrase mantém transparência semântica.

Ao avaliarmos os dois exemplos (01) e (02), a partir do CSM (quadro 01) e do ICC (quadro 02), ambos se situam predominantemente na 2ª camada, isto é, na esfera da semântica dependente de contexto, na qual o valor modal específico é selecionado por saturação contextual. Nesses casos, a leitura de futuridade volitiva emerge de modo imediato a partir do núcleo semântico

mais geral de *desejo/intenção* associado ao verbo *querer*, configurando um Curto-Circuito Semântico, já que a interpretação resultante integra o conteúdo proposicional e possui valor de verdade (explicatura), sem depender de inferências pragmáticas adicionais. A contribuição semântica de *querer*, que passa a perspectivar temporalmente o estado de coisas, projetando-o para um domínio não realizado, alinha-se ao conceito de Realidade Projetada proposto por Langacker (1991), segundo o qual eventos irrealis são conceptualizados como futuros, possíveis ou desejados. Em ambos os exemplos, a construção [querer + Vinf] conserva transparência composicional, uma vez que cada verbo mantém seus valores prototípicos: *querer* expressa volição e projeção futura, enquanto o verbo no infinitivo denota o estado de coisas envisado. Assim, os dados ilustram usos ainda não opacos, mas já orientados por um padrão interpretativo convencionalizado.

A construção não se encontra na 1ª camada, porque a leitura de futuridade não é parte do significado lexical básico de *querer*, mas um valor modal mais específico, selecionado por saturação contextual, conforme prevê a Camada Semântica Dependente de Contexto (2ª camada). A futuridade emerge da interação entre o núcleo volitivo do verbo, o infinitivo que denota um evento irrealis e o enquadramento discursivo, constituindo assim uma explicatura (quadro 02), e não um conteúdo semântico universal ou desprovido de contexto. Portanto, a interpretação observada é contextualmente regulada, e não inerente ao verbo, o que confirma sua classificação na camada 2.

4.2 Epistemicidade (Curto-Circuito Semântico - 2ª Camada)

Nos usos da construção *quer ver que* (03) a (06), observa-se a emergência de valores epistêmicos, refletindo o grau de certeza ou conhecimento do falante sobre o estado de coisas descrito.

- (03) “O coração fica apertado, não dá pra não pensar. **Quer ver que não é exagero?** Pai de selfie dos filhos da minha amiga, interrompe tratamento de saúde de um deles e é certo o garoto baixar hospital”.

Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ferias-escolares-o-pai-de-selfie-chegou/>. Acesso em: 23/11/2022).

- (04) “Já agora, e falando em Roma, o Colosseo e a Basílica de São Pedro são em travertino, e aguentam à bronca há quase 2000 anos e 400 anos respectivamente... **Quer ver que** o seu lavatório não se vai aguentar?”

Fonte:

<https://forumdacasa.com/discussion/13071/quais-as-pedras-naturais-adequadas-para-tampos-de-lavatorios/>. Acesso em: 24/08/22).

- (05) “Mas estes é que são uns patifes. **Quer ver que** foi o Gaspar e o Passos Coelho que vos impediram de distribuir melhor o dinheiro, de aumentar os salários, de fortalecer a classe média, de melhorar os serviços de saúde, quando os senhores andavam a sonhar com novos aeroportos!?”

Fonte:

<http://lobidocha.com/602139.html>. Acesso em: 24/08/22)

- (06) “Por exemplo: A pessoa diz: “« **Quer ver que** eu vou ficar sem graça, vou ficar vermelho e não vou conseguir conversar com ninguém em a festa ”» e, pronto! Vai para a festa e não conversa com ninguém mesmo”.

Fonte:

<https://marisapsicologa.com.br/terapeuta.html>. acesso em: 23/08/22).

Nos exemplos, observa-se que seu valor semântico evolui de um uso composicional, originalmente vinculado à percepção visual do verbo *ver*, para usos epistêmicos, configurando um Curto-Circuito Semântico (2ª camada). Nesse processo, o verbo, antes centrado na percepção sensorial, passa a mediar o acesso à crença do falante sobre uma situação, incorporando nuances de certeza, expectativa ou dúvida. Tal evolução reflete um fenômeno de subjetivização e deslocamento de perspectiva, em que a interpretação epistemicizada se torna relativamente imediata, sem depender exclusivamente do contexto, embora continue modulável em situações discursivas específicas. Esse deslocamento indica um micropasso de mudança linguística, em que passa a se referir a entidades e eventos que não existem no mundo real imediato, mas que são concebidos por memória, imaginação ou inferência. Esse fenômeno ilustra o processo de fictividade, ou seja, a capacidade do falante de projetar e avaliar mentalmente estados de coisas. Isso confirma o que é indicado por Azeredo (2021), que as orações subordinadas integradas podem transportar marcas de modalização, revelando o ponto de vista e a intenção do enunciador.

Além disso, percebemos que é algo que se espera da ação a seguir, algo rotineiro, porém, ainda não concretizado, ainda não 100% confirmado. Há, de certa forma, uma pequena dúvida, o que não compromete totalmente o falante. Em (03), por exemplo, "quer ver que" é utilizada para indicar uma expectativa do falante em relação ao desfecho da situação apresentada. Há uma antecipação de um possível resultado negativo, e a utilização do condicional "é certo o garoto baixar hospital" reforça a convicção do locutor. Já em (04), o locutor utiliza a expressão "Quer ver que" para criar uma analogia entre a resistência do travertino nos monumentos históricos e a possível fragilidade do lavatório. A expectativa é de que o lavatório não suporte situações adversas, embora essa previsão esteja marcada por uma certa dose de dúvida. No excerto (05), a expressão "Quer ver que" é usada para expressar a desconfiança ou incredulidade do falante em relação à suposta responsabilidade dos indivíduos mencionados na situação descrita. A expectativa é de que a atribuição de culpa não seja válida. Soma-se, em (06), a expressão "Quer ver que" é usada para antecipar o desfecho da situação hipotética. O falante expressa a expectativa de que a pessoa realmente não consiga conversar com ninguém na festa, reforçando a ideia de que a previsão inicial se confirmará.

Em todos os exemplos analisados (03 a 06), a construção *quer ver que* manifesta uma natureza epistemicizada, funcionando como um marcador de expectativa ou antecipação do falante em relação a um resultado futuro ou à validade de uma situação. Trata-se de uma avaliação subjetiva, na qual o locutor projeta sua percepção sobre a plausibilidade de um evento, sem recorrer a evidências diretas de sua concretização. Assim, a construção se distancia de descrições puramente factuais e se aproxima de um espaço discursivo de previsão ou inferência, indicando que o falante já possui uma orientação interpretativa sobre o desfecho esperado.

Essa utilização da conjunção "que" está intrinsecamente ligada à construção de perguntas semi-retóricas, em que o sujeito lança questionamentos baseados em seu retrospecto de experiências passadas. Essa abordagem não apenas sugere uma certa expectativa em relação à repetição de padrões observados, mas também ressalta a confiança do falante em suas percepções e entendimentos prévios. A conjunção "que" funciona como um marcador linguístico que fortalece a dimensão epistêmica, destacando a interseção entre as experiências passadas do locutor e suas projeções para o futuro, criando assim uma dinâmica suntuosa em especulação e antecipação. Essa escolha linguística não apenas enriquece a narrativa, mas também contribui para a construção de um discurso persuasivo, cujas convicções

persoais do locutor são intrinsecamente entrelaçadas com as projeções de eventos futuros.

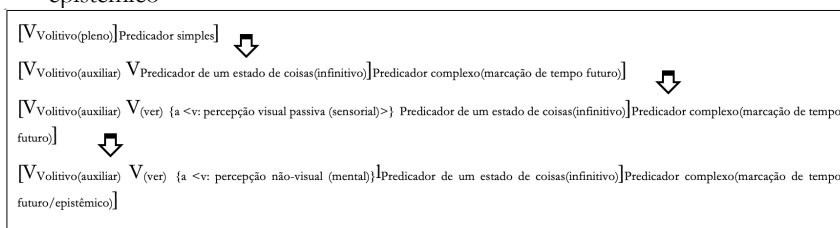
Outro aspecto relevante é a presença de dúvida ou incerteza, que se manifesta de maneira graduada em cada exemplo. Nos exemplos, embora haja uma expectativa relativamente forte de que o resultado se concretize, a expressão ainda deixa espaço para a possibilidade de não confirmação, caracterizando um valor epistemicizado que não é absoluto. Já em (04) e (05), a mesma construção enfatiza a dúvida ou desconfiança do falante, seja quanto à resistência do objeto comparado ou à atribuição de culpa, demonstrando que a incerteza é um componente inerente à função discursiva de *quer ver que*.

Além de marcar expectativa e dúvida, a expressão cumpre uma função discursiva interativa. Ao utilizá-la, o falante sinaliza ao interlocutor sua antecipação sobre o desfecho e, simultaneamente, convida à validação ou reflexão sobre a situação apresentada. Essa função evidencia que a construção não atua apenas como um comentário interno do falante, mas também como um recurso para organizar a interação comunicativa, estabelecendo uma ponte entre avaliação pessoal e compartilhamento de perspectiva.

É importante destacar que significado de *quer ver que*, seja expectativa positiva, negativa ou desconfiança, depende do evento referencial e do tom do locutor. Esse aspecto demonstra que, embora a construção possua um núcleo semântico de antecipação e avaliação subjetiva, sua interpretação plena só se realiza em interação com o contexto, reforçando a ideia de que a epistemicidade linguística é sempre socialmente e situacionalmente condicionada.

Em resumo, a natureza do CI indica que a epistemicidade se manifesta como uma avaliação de certeza ou possibilidade atribuída pelo falante. O desenvolvimento epistêmico ocorre no micropasso em que a percepção evolui de visual para mental, refletindo a determinação rápida de um valor semântico mais preciso, como possibilidade ou crença, que impacta diretamente o conteúdo com valor de verdade. Nesse sentido, a evolução da construção *quer ver que* para valores epistêmicos constitui um exemplo direto de subjetivização, processo no qual se desenvolvem marcas gramaticais da subjetividade do falante. A interpretação epistêmica, entendida como avaliação de certeza ou possibilidade com base em convicções ou experiências passadas, emerge da inferência do significado lexical do núcleo, resultando em uma leitura mais abstrata e dependente do contexto. Procuramos resumir, no quadro 03, a seguir o possível caminho de mudança linguística do valor volitivo para futuridade e depois para epistêmico.

Quadro 3. Possível caminho de mudança linguística do valor volitivo >> futuridade >>> epistêmico



Fonte: Adaptado de Alvarez (2023).

O quadro 03 apresenta um possível trajeto de mudança linguística no PB, no qual construções inicialmente marcadas por valores volitivos evoluem para expressar futuridade e, finalmente, valores epistêmicos (Alvarez, 2023). No estágio inicial, verbos volitivos em sua forma plena expressam a intenção do falante em relação a eventos projetados no tempo. Com a introdução de verbos auxiliares e predicadores complexos, observa-se a incorporação da marcação temporal de futuridade, indicando uma projeção de desfechos futuros baseada em conhecimento ou expectativa.

O percurso se consolida com a inserção de verbos de percepção, que passam de uma percepção visual passiva para uma percepção não visual ou mental. Esse movimento evidencia a transição para interpretações epistêmicas, nas quais o falante avalia a possibilidade ou certeza do desfecho, apoiando-se em convicções e experiências prévias. Assim, a codificação da futuridade torna-se gradualmente mediada por inferências cognitivas, transformando a construção em um instrumento de avaliação subjetiva do estado de coisas.

A associação entre predicadores complexos e percepção subjetiva reforça o processo de subjetivização, em que a projeção temporal se ancora em expectativas, inferências e conhecimentos do falante. A progressiva epistêmicação das construções, como em expressões do tipo *quer ver que X?*, ilustra como a linguagem integra valores modais e epistêmicos, promovendo a inter-relação entre intenção, previsão e avaliação cognitiva.

Por fim, o uso reiterado dessas construções contribui para a consolidação de atalhos interpretativos (*short-circuits*), simplificando o processamento semântico e estabilizando novas leituras na rede construcional.

4.3 Evidencialidade (Curto-Circuito Pragmático - 3ª Camada)

No campo da Pragmática, Morgan (1978) introduziu o conceito de implicaturas em curto-circuito (*short-circuited implicatures*) para explicar casos de atos de fala indiretamente convencionais, ou seja, enunciados cuja interpretação pragmática já se encontra cristalizada pelo uso. Desenvolvendo esse princípio, Cappelle e Depraetere (2016) propõem que as *short-circuited interpretations* ocorrem quando a leitura modal de uma construção é acessada diretamente pela forma linguística convencionalizada, dispensando o cálculo inferencial passo a passo que normalmente seria exigido para a interpretação. Em outras palavras, certas construções modais, especialmente quando lexicalmente fixas, já carregam um valor semântico-modal específico de contexto (*context-specific modal value*), frequentemente acompanhado de informação pragmática adicional, também convencionalizada. O termo “curto-circuito” refere-se justamente a esse atalho interpretativo: a familiaridade da forma linguística permite que a leitura pretendida seja acionada imediatamente, sem a necessidade de recorrer a inferências baseadas em máximas conversacionais ou em raciocínios elaborados.

Um exemplo clássico é a pergunta “Você pode me dizer o que aconteceu?”, cuja interpretação usual não diz respeito à capacidade física ou cognitiva do interlocutor, mas sim a um pedido para que ele relate o ocorrido. Nesse caso, a implicatura de pedido já está convencionalizada e abreviada pelo formato linguístico (Can you + V...), ilustrando o funcionamento do curto-circuito interpretativo: o contexto pragmático recorrente de uso é tão estável que a própria forma linguística, por si só, dispara a leitura pretendida, eliminando etapas de cálculo inferencial.

A construção *quer ver* pode ser analisada como um operador evidencial, desempenhando um papel central na mediação do conhecimento e na orientação do interlocutor quanto à veracidade da proposição apresentada. Nesse sentido, a expressão não se limita a indicar desejo ou expectativa do falante, mas funciona como um convite pragmático para que o interlocutor testemunhe, observe ou infira o desenrolar dos acontecimentos, estabelecendo uma ponte entre percepção, inferência e julgamento. O significado selecionado pela construção revela, assim, uma dimensão evidencial: o falante sugere que a confirmação ou verificação da proposição depende de evidências observáveis ou de inferências lógicas, marcando seu enunciado com uma orientação sobre como o conhecimento deve ser adquirido. Esse uso evidencia uma intersecção entre subjetividade e compartilhamento de informação, em

que a construção atua como uma ferramenta para guiar a atenção do interlocutor e organizar a interpretação de acordo com o quadro epistemológico do enunciador. Vejamos um exemplo.

- (07) “ O coração fica apertado, não dá pra não pensar. *Quer ver que não é exagero? Pai de selfie dos filhos da minha amiga, interrompe tratamento de saúde de um deles e é certo o garoto baixar hospital.*”

Fonte:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ferias-escolares-o-pai-de-selfie-chegou/>. Acesso em: 23/10/2025).

Em uma coluna de Flávia Azevedo sobre o “pai de selfie” nas férias, a autora utiliza *quer ver que* para introduzir uma inferência, funcionando como um convite retórico ao leitor para constatar que não se trata de exagero. Nesse contexto, a construção atua como operador evidencial, sinalizando que a proposição seguinte se fundamenta em evidências observáveis ou inferidas, orientando o leitor a testemunhar ou avaliar a veracidade da informação. Simultaneamente, *quer ver que* manifesta um valor modal epistêmico, expressando a convicção do falante quanto à correção ou plausibilidade da proposição. Esse uso ilustra a capacidade da construção de integrar evidencialidade e epistemicidade, articulando percepção, inferência e avaliação de veracidade em um único recurso linguístico.

No nível semântico independente de contexto, o núcleo volitivo/epistêmico da construção mantém um significado subdeterminado, relacionado à possibilidade ou expectativa do falante sobre um estado de coisas. Já na segunda camada, a semântica dependente de contexto, observa-se a saturação contextual: *quer ver que* seleciona rapidamente um valor modal específico, funcionando como operador evidencial e epistêmico, indicando que a proposição subsequente se baseia em evidências percebidas ou inferidas e expressa a convicção do falante quanto à sua veracidade. Essa seleção imediata de significado demonstra o curto-circuito semântico, em que a forma lexicalizada ativa diretamente a leitura pretendida, dispensando inferências composicionais extensas.

Na terceira camada, a pragmática, *quer ver que* também pode carregar implicaturas conversacionais opcionais, como o convite retórico ao interlocutor para testemunhar ou avaliar a veracidade da proposição, reforçando o efeito de evidencialidade sem alterar o valor de verdade da proposição. Essa dimensão pragmática é cancelável, ou seja, a construção manteria seu valor epistemicamente modal mesmo sem o efeito interativo, o

que ilustra a distinção fundamental entre explicatura e implicatura descrita por Cappelle & Depraetere (2016).

A análise do exemplo evidencia que *quer ver que*, por seu uso recorrente e lexicalmente fixo, opera como uma construção convencionalizada no repertório do PB, armazenando leituras epistêmicas e evidenciais estáveis. Assim, a construção não apenas comunica expectativa ou possibilidade, mas também integra percepção, inferência e convicção do falante, funcionando como atalho interpretativo (“*short-circuit*”) que agiliza o processamento semântico e estabiliza a interpretação modal desejada.

Em síntese, o caso do exemplo (02) confirma que a interpretação de *quer ver que* resulta da interação entre camadas semânticas e pragmáticas, reforçando sua natureza construcional e sua capacidade de veicular simultaneamente valores epistêmicos e evidenciais de modo convencionalizado.

Já em (08) observamos um comentário irônico registrado no portal FolhaMax (Mato Grosso) em contexto político.

- 08) **“Quer ver como eles vão separar em o papel, somente em o papel pra receberem, em esse estado já vi desembargador que antes de morrer voltou com a esposa que tinha separado pra ela e as filhas terem direito a receber aposentadoria... é bem a justiça do BRASIL que passa o exemplo”.**

Fonte:

<https://www.folhamax.com/politica/tj-nega-liminar-e-proibe-que-casal-de-autoridades-tenha-beneficio-duplo-em-mt/156440>. Acesso em: 23/10/25).

Neste cenário, a construção “quer ver como” introduz uma previsão inferencial baseada em conhecimento prévio: o falante sugere, com tom cético, que “*eles não separar [formalmente] apenas para receber [um benefício]*”. A construção expressa uma forte expectativa de ocorrência (modalidade epistêmica de alta probabilidade) amparada por evidência experiencial – o autor do comentário cita um caso já visto (“já vi desembargador que...”) como *fonte* para embasar sua inferência. Em suma, o falante “aposta” que certo desfecho ocorrerá, combinando julgamento epistêmico e indicação evidencial da razão de sua suspeita.

O exemplo evidencia que na camada pragmática (terceira camada), *quer ver como* também sugere uma implicatura conversacional: convida o interlocutor a antecipar ou testemunhar a ação dos envolvidos, reforçando a dimensão evidencial da construção. Essa leitura é cancelável, a expectativa

retórica de confirmação poderia ser ignorada sem comprometer o valor epistêmico central, o que ilustra novamente a distinção entre explicatura e implicatura proposta por Cappelle & Depraetere (2016). O falante não apenas projeta o futuro do evento, mas ancora essa projeção em conhecimento prévio e julgamento sobre a justiça, o que reforça a natureza epistêmica e evidencial da expressão.

Em (09), a seguir, temos um excerto extraído de um blog pessoal (Passaneura), que descreve uma cena cotidiana na cozinha.

(09) “Eu ainda falei para o vô, “**quer ver que** ela vai esquecer de mexer e vai queimar? ” Dito e feito!”

Fonte:

<http://passaneura.com/2012/11/o-que-rolou-no-instagram-2/>.

Acesso em 23/10/25).

No exemplo (09), a construção *quer ver que* atua como operador evidencial, convidando o interlocutor a antecipar a ocorrência de um evento específico e marcando a fonte do conhecimento do falante, neste caso, a expectativa de que algo dará errado na ação da pessoa mencionada. No nível da semântica dependente de contexto (segunda camada), a expressão seleciona rapidamente um valor modal epistêmico: o falante projeta a probabilidade de que a ação se concretize de maneira indesejada, baseando-se em experiências anteriores ou inferências contextuais. A saturação contextual preenche o valor modal subdeterminado do núcleo volitivo/epistêmico, caracterizando uma interpretação em curto-circuito, na qual o cálculo inferencial detalhado é dispensado.

Na camada pragmática (terceira camada), a construção também sugere uma implicatura conversacional: há um efeito retórico de antecipação e confirmação que reforça a credibilidade do julgamento do falante sobre a situação, sendo cancelável sem comprometer a proposição central; o evento de fato ocorreu. Assim, *quer ver que* integra tanto a dimensão epistêmica quanto a evidencial, funcionando como ponte entre a expectativa do falante e a constatação do resultado. A dêixis desempenha um papel importante para a interpretação desse contexto, uma vez que estabelece uma relação entre o locutor, o interlocutor e o objeto de inferência (cf. Alvarez & Wiedemer, 2024).

Quando *quer ver* é usado entre períodos, ele frequentemente constitui uma pergunta retórica que não exige resposta, mas tem a força ilocucionária especial de exemplificação/comprovação. Esta função convencionalizada, que

implica que o falante irá *provar* a assertiva, é um Curto-Circuito Pragmático (câmara 3). Isso se alinha diretamente com o conceito de Interação Fictiva proposto por Pascual (2002) e Pascual e Sandler (2016), que inclui a pergunta-resposta fictiva e a pergunta fictiva (pergunta retórica usada para provocar reflexão, sem resposta explícita). A força ilocucionária especial da construção pode ser descrita como o uso da conversação como um *frame* para estruturar processos discursivo.

O exemplo evidencia que *quer ver que* se consolidou como uma unidade construcional recorrente, com fixidez lexical suficiente para ativar leituras epistêmicas e evidenciais diretamente, sem necessidade de inferências complexas. Essa estabilidade reforça o caráter construcional da expressão no português brasileiro, demonstrando como padrões modais podem cristalizar valores interpretativos específicos.

Observa-se que, nos exemplos (07) a (09), a construção *quer ver* atua como um modal epistêmico evidencial, no qual o falante indica estar inferindo ou apostando em um resultado, frequentemente sustentado por evidências perceptíveis ou inferidas. Seguindo Cappelle & Depraetere (2016), essa leitura exemplifica uma interpretação em curto-circuito (*short-circuited interpretation*), na qual a forma linguística já aciona diretamente um valor modal específico, dispensando o cálculo inferencial passo a passo. Além disso, a distinção entre camada semântica dependente de contexto (Layer 2) e camada pragmática (Layer 3) torna-se evidente: a função semântica de *quer ver* projeta a expectativa do falante quanto à ocorrência de um evento, enquanto a implicatura pragmática, o convite retórico ao interlocutor para confirmar ou testemunhar a proposição, permanece cancelável. Assim, se o falante negasse a intenção de mostrar evidências, a construção geraria surpresa ou efeito cômico, demonstrando que a interpretação pragmática é convencionalizada, mas separada do conteúdo semântico central, corroborando o caráter construcional e a estabilidade do pareamento forma–função em português brasileiro.

5 Considerações finais

A análise desenvolvida, apoiada nos modelos teóricos de ICC (Cappelle & Depraetere, 2016) e das CSM (Depraetere, 2014), demonstra que a construção “quer ver” atingiu um estágio avançado de construcionalização. Nesse estágio, um sentido abstrato, de natureza epistêmica e evidencial, coexiste com os usos originais ligados à volição e à futuridade, revelando um

percurso diacrônico de mudança linguística. Esse percurso pode ser descrito como uma trajetória de valores volitivos iniciais, passando pela futuridade, até alcançar valores epistêmicos e evidenciais convencionalizados. A trajetória pode ser interpretada da seguinte forma, conforme detalhado no quadro 04.

Quadro 4. Correlação entre as camadas de significado modal e micropassos de mudança linguística

Micropassos da Mudança Linguística	Conceito Central	Camada Modal	Descrição
VVolitivo(pleno) -> VVolitivo(auxiliar)	Volição/Intenção -> Futuridade	1ª Camada (Semântica Independente)	Reinterpretação do verbo <i>querer</i> de volição plena para operador de futuridade/intenção. Início do processo de construcionalização, ainda ligado a valores semânticos primários.
V(ver) [percepção visual passiva] → Observação → Previsão futura	Observação -> Futuro baseado em observação	2ª Camada (Semântica Dependente)	A leitura perceptiva literal do verbo <i>ver</i> é reinterpretada como uma previsão derivada de evidência observacional, etapa intermediária na expansão modal.
V(ver) [percepção não-visual/mental] → Crença/Conhecimento	Percepção → Inferência epistêmica	2ª Camada (Semântica Dependente)	Expansão para valores epistemicamente modalizados: a percepção se abstrai, passando a indicar crença ou conhecimento do falante.
V(ver) [operador evidencial] → Comprovação/Inferência	Fonte de informação → Evidência/Inferência	3ª Camada (Pragmática)	Fixação de valor evidencial e inferencial; o verbo

			<i>ver</i> deixa de ser literal e se consolida como marcador de evidencialidade.
Quer ver (que/com) Expectativa/Avaliação	Expressão discursiva convencionalizada	3ª Camada (Pragmática)	A construção completa ativa a interpretação não-litera- l via curto-circuito interpretativo; o sentido global não é composicional, sendo armazenado como unidade idiossincrática no inventário da língua.

Fonte: os autores.

Além da evolução semântica, propriedades formais da construção, como a polaridade interrogativa (“*Quer ver?*”) ou o acréscimo de complementos introduzidos por *que/com* (“*quer ver que...?*”), funcionam como pistas estruturais que desencadeiam a interpretação não-litera- l da expressão. A presença desses marcadores formais ativa diretamente uma leitura inferencial e evidencial, em curto-circuito, dispensando inferências pragmáticas elaboradas por parte do interlocutor.

No plano semântico-pragmático, observou-se que o verbo *querer* atua como auxiliar de futuridade/intencionalidade, enquanto *ver* perde seu sentido concreto de percepção visual, assumindo o papel de operador cognitivo de inferência (percepção mental). Essa reinterpretação configura a construção como um marcador epistêmico e evidencial do falante.

Em termos de processos linguísticos, a análise evidencia a natureza não-composicional da construção: o significado global de “*quer ver*” não é previsível pela soma dos significados de seus constituintes. Trata-se, portanto, de uma unidade idiossincrática de significado, armazenada no inventário lexical da língua com função discursiva fixa, capaz de expressar atitudes de expectativa, avaliação e inferência.

Em termos diacrônicos, o percurso do *quer ver* pode ser modelado como uma trajetória de complexidade crescente (cf. Tantucci, 2021). A construção *quer ver* exemplifica um processo de construcionalização que se manifesta nas três camadas de significado modal, agora interpretadas como

estágios graduados de intersubjetividade. Pesquisas futuras podem confirmar essa correlação entre a gradação de (inter)subjetividade) e complexidade crescente.

Por fim, os resultados desta pesquisa contribuem para a compreensão de como construções em PB evoluem para valores epistemicamente modalizados e evidenciais, mostrando a relevância de integrar análises diacrônicas, semânticas e pragmáticas para a descrição de fenômenos de construcionalização. Além disso, o estudo reforça a utilidade do modelo de curto-circuito interpretativo para explicar como sentidos abstratos podem emergir rapidamente a partir de usos contextuais recorrentes, sem depender de inferências complexas.

Agradecimento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Brasil (FAPERJ) – N° 204.568/2024

Acknowledgment: This work was carried out with the support of the Carlos Chagas Filho Foundation for Research Support of the State of Rio de Janeiro – Brazil (FAPERJ) – No. 204.568/2024.

Reconhecimento: El presente trabajo fue realizado con el apoyo de la Fundación Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Brasil (FAPERJ) – N° 204.568/2024.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, R. E. **“Quer ver” como fica a análise dessa construção: futuridade, modalidade e evidencialidade em jogo.** 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), Faculdade de Formação de Professores (FFP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2023.

ALVAREZ, R. E; WIEDEMER, M. L. O papel da dêixis em construções de evidencialidade com “quer ver?”. **Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 40, p. 15–171, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/44533>

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa.** 9.ed. São Paulo: Parábola, 2021.

CAPPELLE, B.; DEPRAETERE, I. Short-circuited interpretations of modal verb constructions: Some evidence from *The Simpsons*. **Constructions and Frames**, v. 8, n. 1, p. 7–39, 2016.

COSTA, M. G.; SOUZA, L. L. MACHADO VIEIRA, M. dos S. **Construções de Futuro com Verbos Volitivos no Português do Brasil: querer + Verbo no Infinitivo**. In: *Linguística Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos*. Rio de Janeiro : Rio Book's, 2020.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. . p. 463–508.

DEPRAETERE, I. Modals and lexically-regulated saturation. **Journal of Pragmatics**, v. 71, 2014. p. 160–177.

DIESSEL, H. **The Constructicon: Taxonomies and Networks**. (Cambridge Elements). Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: KRISTIN, D.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (eds.). **Grammaticalization and Language Change: New Reflections**. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 111-133.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality. In: GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 1 Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructionists Approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

GOLDBERG, A. E. **Explain Me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions**. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2019.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HÖDER, S. Grammar is community-specific: background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In: BOAS, H. C.; HÖDER, S.

Constructions in Contact: Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages. John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 37-70.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar:** Volume II: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. *In:* BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. de O. (org.). **Sociolinguística no Brasil:** textos selecionados. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020, v. 01, p. 265-304.

MORGAN, J. L. Two types of convention in indirect speech acts. *In:* COLE, P. (ed.). **Syntax and Semantics 9:** Pragmatics. New York: Academic Press, 1978. p. 261–280.

OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, 2022. p. 110-135. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

OLIVEIRA, N. F. **O Desenvolvimento de Verbos Volitivos na Língua Portuguesa: Uma Abordagem Construcional.** Tese de doutorado UFJF, 2016.

PASCUAL, E. **Imaginary dialogues: conceptual blending and fictive interaction in Criminal Courts.** Utrecht: LOT, 2002.

PASCUAL, E.; SANDLER, S. Fictive interaction and the conversation frame: An overview. *In:* PASCUAL, E.; SANDLER, S. (Org.). **The Conversation Frame: Forms and Functions of Fictive Interaction.** Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2016. p. 3–22. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341293379_Fictive_interaction_and_the_conversation_frame_An_overview

ROSA, F. S. L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa:** uma análise cognitivo-funcional. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SAMBRANA, V. R. M. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português.** 2021. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

TANTUCCI, V. **Language and Social Minds:** The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity. Cambridge University Press: Cambridge, 2021.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; COSTA, F. R. G. Gradiência contextual e mudança construcional em advérbios preposicionais. **Estudos da Língua(gem)**, v. 19, n. 4, 2025. p. 333.360. Disponível em: <https://www.periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/>

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (org.). **Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas**. Guarapuava-PR: Editora da UNICENTRO, 2018b. p. 41-78.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.. Quer ver que/como descrição linguística e homenagem dão match?. In: CASTANHEIRA, D.; ILOGTI DE SÁ, É.; FREITAS JUNIOR, R. de; SILVA, T. dos S. (Orgs.). **Discurso, Gramática & Funcionalismo: uma homenagem a Maria Maura Cezario**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024. p. 59-87.

Recebido em outubro de 2025.

Aprovado em novembro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.

SOBRE OS AUTORES

Marcos Luiz Wiedemer é doutor em Estudos Linguísticos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); São Gonçalo-RJ

Rebeca Emerich Alvarez é mestre em Estudos Linguísticos e Doutoranda em Língua Portuguesa. Discente do Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLILP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Rio de Janeiro-RJ.